



LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR

Mestranda Márcia Rodrigues de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande. Email: marcia_mae2@yahoo.com.br

Coautora Prof. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias

Universidade Federal de Campina Grande. Email: daiselilian@hotmail.com

Coautor Mestrando Alessandro Alencar de Moura

Universidade Federal de Campina Grande. Email: profalemoura@hotmail.com

Coautora Mestranda Francerly Moreira Barreiro de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande. Email: francerlym1@hotmail.com

Coautora Mestranda Luciana Barreto de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande. Email: lucianabaraujo@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Na história de sua evolução, o homem sempre procurou caminhos que o levassem à sobrevivência da espécie, utilizando para isso a sua inteligência e capacidade criativa. Essas capacidades inventivas incentivaram-no a buscar ferramentas que o satisfizessem cada vez mais, suprimindo, a princípio suas necessidades primárias e posteriormente outras necessidades, que proporcionassem conforto, bem-estar ou lazer. Dentre essas necessidades, há aquela que está relacionada ao processo de busca pelo conhecimento e entendimento da participação própria e dos outros durante a vida. Nessa busca, o ser humano encontrou algo que poderia ir além de si mesmo, algo que perpetuasse a sua história e as suas realizações, dessa forma a escrita tornou-se a tecnologia primária



desse ser inventivo, proporcionando-lhe o registro e a evolução das suas ideias, teorias e desejos.

A princípio os conhecimentos provindos da escrita restringiam-se a um pequeno número de indivíduos, entretanto, com o advento das instituições escolares, essa realidade transformou-se e nos dias atuais outras indagações e preocupações coexistem com a oferta da escolaridade, ou seja, de que forma as escolas podem contribuir com a formação leitora de seus alunos ou como abordar determinados gêneros textuais de modo a garantir a aprendizagem e o interesse pela leitura.

A capacidade de ler permite ao homem entender o mundo ao seu redor, observar e analisar comportamentos antigos e atuais, questionar a si mesmo e aos outros. Essa necessidade vai além desses pressupostos, pois permite ao ser humano, o prazer pessoal que ela é capaz de proporcionar. É a partir dessa necessidade pessoal, seja qual for a motivação, que faz com que a leitura realmente aconteça, ou seja, é preciso que o indivíduo tenha necessidade da leitura, ela precisa fazer sentido, pois como nos diz Leffa (1996, p.17) “O leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler”. Complementando essa afirmativa, os PCNs (1997, p. 36), afirmam que “As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.”.

Antunes (2013, p. 193) define a importância da escola como motivadora da leitura para os alunos:

Em primeiro lugar, a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação, (...) pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Ou seja, pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo. A leitura expressa, dessa forma, o



respeito ao princípio democrático de que todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não.

A escola deve optar por oferecer em seus ambientes de aprendizado, situações reais ou imaginárias de leituras que reforcem a importância da cidadania e de uma participação efetiva nesse sentido. A leitura adequada oferece condições de se adequar às situações satisfazendo necessidades pessoais ou de uma comunidade. Essa participação reflete em uma participação crítica e real na sociedade. (PCN, 1997)

As afirmativas acima convergem para o fato de que é na escola que alunos, sejam eles crianças, jovens ou adultos devem ou deveriam ter como direito fundamental, o acesso irrestrito à leitura e, conseqüentemente, a meios e métodos para que tal fato aconteça. Entretanto, é preciso discutir de que forma essa introdução deve acontecer ou quais os caminhos que levem a prática da leitura efetiva e prazerosa. Os PCNs (1997, p. 23) assim apresentam essa questão:

Um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Ainda sob essa perspectiva os PCNs salientam o fato de que à escola cabe também a tarefa de não somente oportunizar momentos de leitura, mas também a partir da observação da sua clientela, determinar de que forma isso deve ser feito, seja na intensidade das leituras ou nas variações possíveis para esse momento, de forma a atingir os mais variados níveis de letramento.

Segundo Antunes (2013, p. 189), é importante que a escola compreenda que seus alunos já possuem conhecimentos prévios e a ela cabe o desenvolvimento dessas



competências: “[...] Então a função da escola consiste, exatamente, em ampliar essas competências, desenvolvê-las ainda mais, juntar a elas outras ainda não conseguidas”. Dessa forma, o sujeito que tem oportunidades dentro do âmbito escolar de explorar suas próprias habilidades e de desenvolver suas competências, provavelmente terá muito mais sucesso escolar e posteriormente em sua vivência pessoal.

Para muitos alunos, o momento da leitura na escola é uma situação obrigatória, seja para o cumprimento de uma obrigação imposta pelo professor ou para conseguir uma nota na disciplina em questão, porém dificilmente ela consegue ser transformada em práticas de fruição. Não é compreensível para os alunos que tudo aquilo que se lê e é apreendido será transformado em aprendizado e em outro momento da vivência pessoal ou estudantil será lembrado e utilizado, pois como afirma Martins (2012, p. 19), “a psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente”.

Em relação ao papel do professor em sala de aula, Antunes (2013, p. 43) explica que ele deve começar:

Primeiramente estimulando o senso crítico do aluno por meio de múltiplas atividades de análise e de reflexão; instigando a curiosidade, a procura, a pesquisa, a vontade da descoberta, o que implica a não conformação com o que já está estabelecido; desestimulando, portanto, o simplismo e o dogmatismo com que as questões lingüísticas têm sido tratadas.

Ainda sobre a atuação do professor no sentido de direcionar os estudos dos seus alunos os PCNs (1997, p. 29) posicionam-se refletindo sobre a “articulação de três variáveis o aluno, a língua e o ensino.”. Mas para que essa tríade funcione coerentemente explica que:

Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno (PCNs, 1997, p. 29).



Dessa forma, faz-se necessário pensar em mecanismos que sejam eficientes no sentido de proporcionar conhecimentos através das variadas leituras em sala de aula, observando sempre a melhor forma de se chegar aquilo que de fato interessa: o despertar pelo interesse da leitura e do aprendizado.

Os PCNs (1997, p. 48) ao defender a importância do papel do professor também ressaltam que:

Em se tratando da área de Língua Portuguesa, o professor também terá outro papel fundamental: o de modelo. Além de ser aquele que ensina os conteúdos, é alguém que pode ensinar o valor que a língua tem, o valor que tem para si. Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidades pouco letradas, onde não participam de atos de leitura e escrita junto com adultos experientes. Nesse caso, muito provavelmente, o professor será a única referência.

Nesse sentido, compreende-se que o professor deve ir além de suas atribuições pré-estabelecidas, ele deve ser um exemplo como bom leitor e como bom escritor. Assim como os pais que são bons exemplos aos filhos, seja na educação, no comportamento ou na sua filosofia de vida, os professores também devem ser na escola, modelo a ser admirado e seguido por seus alunos, nesse sentido é difícil determinar ou indicar quantidades e tipos de leituras que professores devem possuir, para justificar se ele é um bom ou mau exemplo como leitor, mas é importante que professores possam ir além em suas leituras pessoais, procurando textos que possam auxiliá-lo em sua formação, tendo dessa forma melhores condições de compreender e agir em relação às situações enfrentadas pelos alunos (ALMEIDA, 2010).

A escola é um ambiente de relações humanas e a sala de aula, em toda a sua dimensão, é também local de trocas de afetividade, de tolerância, de respeito ou da falta parcial ou total desses quesitos. O professor é, portanto, um mediador, é peça principal



nesse jogo do aprendizado, seja na aquisição de conteúdos escolares, seja na formação do indivíduo como cidadão. Nesse papel, o professor não pode deixar-se seduzir por alguns discursos, de que determinado aluno não aprende por que possui autoestima baixa, ou porque o aluno é pobre, sem condições e não lhe foi oferecida oportunidades. Essas situações precisam ser questionadas, refletidas e analisadas pelo profissional da educação. As leituras direcionadas de materiais metodológicos certamente proporcionarão ao educador maiores subsídios para intervir e solucionar eventuais problemas específicos de seus alunos.

Ora, se a sala de aula é espaço para o conhecimento e aprendizado através de variadas situações, a leitura, é sem dúvida, caminho imprescindível para o aprofundamento de conhecimentos, acepções e ideias. A leitura não ocorre somente nas aulas de Língua Portuguesa, ela acontece em todos os momentos, seja nas aulas de Física, Química ou Biologia. Os conhecimentos adquiridos através da leitura precisam fazer sentido, serem relacionados de forma que se compreenda o todo. Através da leitura o aluno precisa aprender a relacionar aquilo que lê com os conteúdos aplicados na sala de aula. Leffa (1996, p. 13) reflete sobre a abrangência de novos horizontes relacionando-os, observando como textos e ideias se relacionam afinal, a história é feita sob vários prismas e não de um só:

Na realidade, o texto não possui um conteúdo, mas reflete-os, como um espelho. Assim como não há qualquer identidade física entre o material de que é feito o espelho e o material que ele reflete, não existe também uma relação unívoca entre o texto e o conteúdo. Um mesmo texto pode refletir sobre vários conteúdos, como vários textos podem também refletir um só conteúdo.

Seguindo esse pensamento é inquestionável a conscientização de que todas as disciplinas e conseqüentemente todos os professores precisam ser conscientes,



preparados e responsáveis pela formação leitora de seus alunos, conforme explica Antunes (2013, p. 194):

Informações de uma lição de geografia, de história, de ciências podem fornecer os argumentos de que precisamos para apoiar nossos comentários, em uma análise opinativa, por exemplo. Na grande maioria das vezes, o que nos falta, na elaboração de certos gêneros de texto, não são conhecimentos lingüísticos, muitos menos conhecimentos acerca das terminologias gramaticais. O que nos falta, frequentemente, são informações relevantes em torno das quais podemos nos dar ao exercício de desenvolver um tema. Comentar – contra ou a favor – um tema de política, preservação ambiental, pluralidade e convivência social, economia, desenvolvimento etc. exige ter sobre essas questões uma gama razoável de informações, capazes de nos fazer dizer o que outros poderão considerar “ditos relevantes”.

É preciso ler para se ter o que dizer, mas nem sempre somente com a leitura se é capaz de saber como dizer. Apesar de ambos parecerem estar totalmente interligados e totalmente relacionados, percebe-se que nem sempre a leitura e a escrita andam de mãos dadas. A competência na escrita nem sempre acontece por quem faz leituras cotidianamente, embora seja mais fácil adquirir essa competência por quem as faz regularmente. A escrita exige também aprendizado, persistência e uma prática constante para ser aprimorada e servir ao seu propósito, que é o de comunicar (ANTUNES, 2003).

Essa reflexão refere-se ao fato de que ao professor é dado poder absoluto e conhecimento ímpar, porém é preciso que se entenda que ao aluno devem ser ofertadas oportunidades de formular ideias e teorias sobre sua própria língua, oportunidades de testar essa ou outra combinação de formas, palavras, construções e observá-las em sua utilização, se bem, mal ou inoportunas. O ensino da escrita na escola, muitas vezes acontece apenas para observar os erros ortográficos dos alunos, se eles estão ou não seguindo regras gramaticais. Essa análise é feita através de exercícios descontextualizados, como formar frases soltas ou propostas de produção textual que



não apresentam relação com conteúdos estudados, conhecimentos prévios, discussões e debates, pois como nos diz Antunes (2003, p.45):

Se faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar as palavras. Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto. O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais.

Ao ensinar e propor atividades de escrita, ao professor é dado à responsabilidade de entender que o processo de escrita exige uma preparação do escritor, pois é preciso ter a capacidade de recolher dados, esquematizar, isto é, planejar o processo de produção da escrita. É também necessário fazer com que o aluno entenda a necessidade da revisão, momento em que se observará a necessidade de inserção de outras informações, falhas de ortografia, etc. e possivelmente a reescrita, quantas vezes sejam necessárias, até o escritor dar-se por satisfeito.

Nesse processo de escrita o professor também deverá direcionar o aluno de forma que ele entenda que deve observar o tipo de escrita a ser realizada, se o leitor é mais ou menos letrado, se o texto deve ser mais técnico, mais pessoal, mais científico. Que tipo de organização deve dar ao texto, talvez tomando como exemplo, a forma piramidal em que se começa com a idéia principal e geral para depois ir dando os detalhes, e ainda de que forma realizar a construção das frases, utilizando para isso construções sintáticas adequadas. Todo esse planejamento e etapas de execução da escrita devem encaminhar-se de tal forma que o texto alcance a força necessária para a



compreensão do leitor (KATO, 1987).

O professor pode utilizar-se de algumas metodologias que visem desenvolver a leitura e a escrita de seus alunos, levando textos variados para sala de aula, ou sugerindo que tragam textos que de alguma forma sejam interessantes para eles, mas atentando para o fato de que esses textos sejam materiais para serem lidos e não pretexto para serem usados em aulas de gramática (VIEIRA, 2005). Ao professor cabe propiciar momentos de escrita que possuam real significado para o aluno, ou seja, o educando deve escrever para alguma finalidade ou para alguém, mesmo que esse alguém seja ele mesmo. Ele pode escrever bilhetes, e-mails, cartas para familiares, amigos, etc.. Essas escritas vão se desenvolvendo aos poucos e seu grau de dificuldade deve aumentar conforme o aprendizado do aluno.

Outra metodologia interessante seria a de aproveitar todo o material informal que circula em sala de aula, como por exemplo, bilhetes, músicas, recados para os pais, etc.. Seria uma forma de fazê-los compreender que todos os tipos de textos possuem funções comunicativas e são importantes, independentemente da sua informalidade (VIEIRA, 2005).

Os projetos de leitura e escrita constituem bons caminhos para se alcançarem os objetivos pretendidos pelos professores em sala de aula. Oficinas ou ateliês de produção também são boas ideias, pois a oficina, por exemplo, é “uma situação didática onde a proposta é que os alunos produzam textos tendo à disposição diferentes materiais de consulta, em função do que vão produzir: outros textos do mesmo gênero, dicionários, atlas, jornais, revistas.” Independentemente do caminho que se siga “o importante, de qualquer forma, é dar sentido às atividades de escrita” (PCN, 1987, p. 77).

As dificuldades, percalços, idas e vindas na educação fazem parte do aprendizado, de alunos, professores e equipe escolar, contudo ao se ter sempre em mente qual é a responsabilidade de cada um diante das situações ocorridas dentro do



âmbito escolar, ter-se-á a compreensão de que esse trabalho não é um fardo difícil de carregar, mas uma arte que através da palavra permite iluminar a vida de indivíduos como um todo.

METODOLOGIA

O presente artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica, constituindo-se dessa forma em um texto embasado e formulado a partir de teorias publicadas em livros, artigos científicos, entre outros. A pesquisa bibliográfica, segundo Köche (2011), tem como objetivo “o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.” Sendo assim, a pesquisa em questão terá como aporte teórico variadas leituras, entre elas destacam-se Leffa (1996), PCNs (1997), Antunes (2013), Vieira (2005) e Kato (1987), constituindo-se em um material que além de contribuir teoricamente, instiga à reflexão e à discussão de princípios e ideias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha do tema permite discutir questões e situações relativas ao aprendizado da leitura, escrita e letramento, já que a aquisição efetiva e competente desses três itens torna-se essencial para o sucesso escolar. Discutir, ainda a participação e o papel do professor enquanto agente propiciador de situações de aprendizado, corroboram com teses que elencam o trabalho do educador como fator indispensável para a construção do conhecimento dos alunos.

Para tanto, a princípio discute-se a necessidade da escrita como ferramenta de perpetuação do conhecimento, ao mesmo tempo em que relata a importância do domínio da escrita, através da leitura. Além disso, discutem-se questões referentes aos estímulos propiciados pela escola e mais efetivamente pelo professor, que se tornam



agentes da educação, no que se refere a um aprendizado competente dos educandos.

Algumas ideias e propostas são citadas, não objetivando orientações prontas e acabadas, mas são contempladas no sentido de discutir metodologias que possam ser relativizadas e adequadas aos propósitos buscados pelos professores visando à aplicabilidade e necessidades de seus alunos.

CONCLUSÃO

As linguagens oral e escrita transformaram conceitos, ideias e objetivos nas vidas dos seres humanos desde a sua invenção, e todos concordam que essa influência será perpetuada ainda por muito tempo, mais do que isso é pouco provável que seja substituída em toda a sua complexidade e utilidade.

E é através de discussões, ideias, conceitos que são realizados tanto na linguagem escrita quanto na linguagem oral é que podemos refletir sobre as propostas pedagógicas da escola, bem como a interferência dela e de seus professores junto ao corpo discente, de forma a garantir que o ensino seja alicerçado na efetividade do aprendizado gerando impactos positivos na vida dos jovens alunos.

As dificuldades, percalços, idas e vindas na educação fazem parte desse aprendizado, de alunos, professores e equipe escolar, contudo ao se ter sempre em mente qual é a responsabilidade de cada um diante das situações ocorridas dentro do âmbito escolar, ter-se-á a compreensão de que esse trabalho não é um fardo difícil de carregar, mas uma arte que através da palavra permite iluminar a vida de indivíduos como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. *Práticas de leituras para neoleitores*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.



ANTUNES, Irlandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ Gilles. *Língua Materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

BAJARD, Élie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do mundo escrito*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa*. Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1994.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, Angela. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v.32 n53. p 1-25, dez., 2007.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. São Paulo: Editora Pontes, 2010.

KLEIMAN, Angela. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Fonte: www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/bibliotecaprofessor/arquivos.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Editora Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.



- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces o jogo do livro*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.
- PEREIRA, Regina Celi M. *Prática de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula, praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
- VIEIRA, IútaLerche. *Escrita, pra que te quero?* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.